



A SAGA DE MACABÉA CONTINUA: TRABALHO FEMININO, GÊNERO E USO DO TEMPO ENTRE AS “NOVAS” OPERÁRIAS NO INTERIOR DO CEARÁ/ BRASIL.

Nágyla Maria Galdino Drumond¹

1 APRESENTAÇÃO

O presente objeto de estudo é fruto de minha militância política nos movimentos de mulheres, no estado do Ceará, desde a segunda metade dos anos 90. Atualmente integro a coordenação estadual da União Brasileira de Mulheres (UBM) e assumi a Presidência do Centro Socorro Abreu de Desenvolvimento Popular e Apoio à Mulher com sede no município de Fortaleza/ Ceará. Trajetórias que me deram a oportunidade de atuar como assessora parlamentar e sindical, lugares de onde pude observar as conexões entre mulher e trabalho, nos mais diversos lugares da mão-de-obra feminina nas indústrias cearenses, num esforço teórico-metodológico em dialogar sobre a condição feminina e suas conexões com o conceito de trabalho (produção e reprodução social), compreendido como categoria fundante da sociabilidade humana, imbricado e “resumido”, historicamente à feição trabalho-emprego.

Que “novas” mulheres operárias são estas? Qual a relação entre mulher, gênero e trabalho? Qual a relação entre trabalho de produção e trabalho de reprodução social? Como relacionar mulher, trabalho e produção do tempo? Quais os sentidos do trabalho para as mulheres e como elas organizam, produzem e reproduzem o tempo social? Qual é o tempo das mulheres? Quais são os tempos das mulheres?

A pesquisa analisará as relações entre trabalho feminino, gênero e usos do tempo entre as “novas” operárias da indústria no interior do Ceará. A partir da segunda metade da década de 80, o estado do Ceará foi palco de um processo de expansão e interiorização industrial. As novas regiões industriais passaram a transformar as relações sociais de produção e reprodução das populações envolvidas, especialmente, das mulheres oriundas de uma cultura rural, sem acesso à escolarização, ao emprego formal e à capacidade de consumo.

O que mudou e o que permanece em suas vidas? Quais relações entre a representação que elaboram quanto ao trabalho feminino fabril e o uso de seus tempos? A pesquisa pretende alcançar a

¹ Socióloga, militante feminista e professora. Mestra em Sociologia – Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Substituta da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Presidenta do Centro Socorro Abreu de Desenvolvimento Popular e Apoio à Mulher (Fortaleza/ Ceará). Integra a Coordenação Estadual da União Brasileira de Mulheres (UBM). E-mail: drumondnagyla@gmail.com.



relação entre o deslocamento para novos espaços de trabalho para mulheres que estão inseridas num verdadeiro processo de diásporas de si mesmas, ao mesmo tempo, em que se (des) encontram com uma diversidade de outras tantas Macabéas-operárias.

O campo será baseado em entrevistas com as mulheres-operárias, lideranças sindicais e diretores (as) de recursos humanos das três maiores indústrias do município, nos setores de tecido, alimentação e calçados e que comportam os maiores contingentes de mulheres-operárias. Além disso, haverá registros de observação das condições de vida, comportamentos e costumes em relação com os usos de tempo.

2 MULHER-OPERÁRIA, TRABALHO E TEMPO: CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO.

Foram estas as inquietações que herdei da pesquisa realizada por ocasião de minha dissertação de mestrado intitulada: “A Saga de uma Macabéa: corpo e trabalho feminino na indústria de beneficiamento de castanha de caju no estado do Ceará” (2007).² Ao fim da pesquisa de campo, na análise dos resultados, passei a perceber a necessidade de investigar algo que tinha ficado nas entrelinhas do discurso das mulheres-operárias: a relação entre mulher, trabalho e usos do tempo. E agora, o que dizer sobre com estas Macabéas, forjadas numa saga que alia trabalho, pobreza, família, sexualidade, tempo; num movimento de produção e reprodução de vidas que se insurgem, mesmo que maneira anônima, à imposição do mando de um tempo controlado, vigiado, disciplinador? Mas, existem outros tempos e outros usos de tempos para estas Macabéas? Que tempo é este? Individual? Coletivo? Elas o reconhecem? Qual sentido que tem em suas vidas?

Logo que defendi a dissertação de mestrado, tive a oportunidade de lecionar num núcleo de ensino superior do Instituto Dom José – Universidade Vale do Acaraú (UVA), localizado na cidade

² DRUMOND, Nágyla Maria Galdino. *A Saga de uma Macabéa: corpo e trabalho feminino na indústria de beneficiamento de castanha de caju no estado do Ceará*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Pós-graduação em Sociologia/UFC. Fortaleza. 2007. A dissertação analisa as relações entre corpo e trabalho feminino na indústria de beneficiamento de castanha de caju em Fortaleza – Ceará/ Brasil, a partir das falas das mulheres castanheiras e do lugar social que ocupam dentro e fora da fábrica. Mulheres pobres, migrantes, moradoras da periferia de Fortaleza, mães solteiras e/ou chefes de famílias. *Macabéas* que narram suas vidas cotidianas marcadas pelas más condições de trabalho, pela violência doméstica e urbana, mas, ao mesmo tempo mulheres que se mostram como sujeitos de sua própria história, escrevendo uma verdadeira saga, construída com muito trabalho e resistência. A pesquisa revelou que as mulheres operárias da castanha continuam submetidas a um ciclo contínuo de exploração da mão-de-obra, marcadas por características do sistema capitalista hegemônico e reforçadas por um diálogo entre capital, gênero e trabalho. De maneira intrínseca a estas questões, as *Macabéas* desta história são mulheres que se divertem, brincam, narram suas vidas com muitas dores e angústias, mas com uma boa dose de alegria por conseguirem sobreviver. Que mulheres são estas? Que fábrica é esta? Que pequenas resistências são estas capazes de fazer com que burlem um cerco de exploração, controle e disciplina que parece intransponível? O trabalho aponta pistas para que se abram caminhos que se distanciem de uma visão reducionista que as enxerga, apenas, na condição de vítimas eternas e/ou de robôs sem desejos, vontades e prazer.



de Horizonte/ Ceará, situado na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF)³. Por três anos, fui professora de alunas e alunos, filhos e filhas de uma geração de famílias de agricultores que não tiveram acesso à instrução formal; que viviam da produção agrícola para sobrevivência; que tinham famílias muito numerosas; que não tinham condições de consumo e que desempenham formas de trabalho ligadas ao campo, à terra e à subsistência, prioritariamente.

Agora, os filhos e filhas desta geração tinham a “oportunidade de uma vida melhor”, baseada num emprego fabril e no acesso ao ensino superior e/ou profissionalizante⁴, condições que são propagadas como fundamentais para o sucesso profissional e/ou econômico numa lógica individualizante do processo produtivo que parece não ser mais uma construção coletiva, mas, prerrogativa de indivíduos que são levados a se esforçar e a se doar à nova oportunidade, bem diferente do destino rural, agrícola. A enxada substituída pela máquina.

Na articulação entre mulher, trabalho e tempo, destacarei as características de mulheres-operárias movidas pela necessidade de sobrevivência, de autonomia econômica, de contribuição para o sustento da família e /ou provisão total deste sustento (no caso das mulheres-operárias, chefes de família), ou, ainda, pelo desejo de obter realização profissional e participar da esfera pública, do espaço da produção, por excelência.

A partir da década de 70 inicia-se um processo de substituição do modelo de produção taylorista-fordista na tentativa de amenizar os efeitos da crise estrutural do capitalismo. Neste cenário consolida-se, principalmente, o modelo japonês Toyotista de produção. É a ascensão da empresa “enxuta”, se caracterizando por uma nova organização do trabalho, somada à profunda densidade dos avanços tecnológicos e alta dispensa de mão-de-obra. Porém, este modelo de produção não alcança a todas as regiões e setores da produção econômica da mesma forma, com a mesma intensidade. As regiões menos desenvolvidas passa a conviver com outros modelos híbridos, ainda pautados, prioritariamente, no binômio taylorista-fordista. Nesse sentido, as empresas que serão abordadas nesta pesquisa se mostram como que numa travessia inconclusa entre estes dois principais modelos de produção de tempo e de trabalho.

³ Nos últimos 20 anos o município de Horizonte vem sofrendo transformações econômicas, físicas, ambientais e culturais dado o advento de uma política de interiorização da indústria no estado do Ceará, que data do fim dos anos 60, e foi substanciada com maior vigor a partir de 1985 pelo chamado “Governo das Mudanças” protagonizado pelo Ciclo Industrial Cearense (CIC) que tinha à frente o governador eleito, o empresário Tasso Jereissati. A política de incentivos fiscais e a construção dos pólos e distritos industriais favoreceram a dispersão das indústrias pelo estado e o esvaziamento das zonas industriais de Fortaleza, ocorrendo, nos últimos 40 anos a emigração de indústrias da capital em virtude da criação dos Distritos Industriais I e II, em Maracanaú, dos pólos industriais de Caucaia, Maranguape, Euzébio, Aquiraz e Horizonte, visando a interiorização do setor secundário.

⁴ No estado do Ceará, e principalmente, na Região Metropolitana de Fortaleza, a expansão do ensino superior tecnológico acompanha a rota da política de interiorização da industrialização.



Sob a égide da divisão social e sexual do trabalho, as mulheres continuam sendo o maior contingente de trabalhadoras empregadas em empresas onde predominam o trabalho manual repetitivo numa articulação (in) direta com as características femininas, construídas socialmente: paciência, destreza, concentração. As mulheres levam para o mercado formal de trabalho as habilidades construídas historicamente. Carregam consigo suas casas, suas famílias, seus filhos (as); num continuum entre esferas doméstica e pública.

Na relação permanente entre espaço público e privado das mulheres-operárias, encontramos o terreno fértil para investigarmos de produção e reprodução dos usos dos tempos destas mulheres. Qual o tempo da casa? Para a família? Para o lazer? Para a educação formal? Para o consumo? Em que medida, as novas atividades destas mulheres lhes oferecem melhores condições de saúde e lazer?

Outro fator que dialoga com tais questões é o aumento do número de famílias chefiadas por mulheres como chefes de família, especialmente nas áreas urbanas e nas novas zonas industriais. O crescimento dos índices de pobreza e as dificuldades de sobrevivência nas cidades produzem formas opcionais, na maioria das vezes, precarizadas, de organização doméstica em que o papel da mulher, agora (in) formalmente no mercado de trabalho é prioritário no sustento da casa e na criação dos (as) filhos (as). E, me pergunto mais uma vez, qual é o tempo que resta a estas mulheres fora da fábrica? Quanto tempo ao certo passam dentro da fábrica? O que mudou na produção e na reprodução do tempo para as “novas” mulheres-operárias no interior do Ceará?

3 A SAGA DE MACABÉA CONTINUA: OS CRUZAMENTOS ENTRE LITERATURA E SOCIOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO PERCURSO METODOLÓGICO⁵

Percorrendo a obra de Clarice Lispector, presente em minha formação como mulher, mãe, feminista e profissional, me deparei com *Macabéa*, a mulher Clariciana de *A Hora da Estrela* (1977). Vi como a Literatura e as Ciências Sociais são capazes de delinear caminhos que se cruzam no desejo da pesquisa, da descoberta, do fazer ciência. Vi a possibilidade de roubar de Lispector (1997) sua *Macabéa* e trazê-la aos portões das empresas, ao chão da fábrica.

⁵ A Sociologia Literária de Clarice Lispector. De toda a produção literária de Clarice Lispector a que mais se aproxima do Nordeste no sentido de um Brasil profundo é, com certeza, *A Hora da Estrela*, última obra escrita pela autora, em 1977, no mesmo ano de sua morte; saga de uma nordestina que migra para o Rio de Janeiro e lá vive um mundo brutalizado que ela masca, mas não cospe. Engole pra dentro. Como Macabéa, as mulheres castanheiras também são migrantes, desterritorializadas, anômicas. Suas vidas parecem muito com a ficção clariciana. Vejo, inclusive, que, a exemplo de Macabéa, as personagens dessa dissertação parecem estar ligadas a uma experiência com a quiromancia; a vida marcada como um jogo de baralho.



Tomei *Macabéa* como um presente inspirador que o tempo havia reservado para mim e, principalmente, para as protagonistas desta história. *A Hora da Estrela* foi deixada por Lispector (1997) como prova do salto que fez de sua inflexão intimista para a leitura desafiadora da realidade.

As protagonistas operárias, assim como a nordestina *Macabéa*, protagonista de *A Hora da Estrela*, são mulheres pobres, algumas chegam a ser miseráveis, migrantes em sua maioria, que mal têm consciência de existir, mesmo que escrevam uma história entre a realidade e o delírio, entre o prazer e o trabalho árduo, entre a vontade de se libertar e a necessidade de permanecer na fábrica. Vejo nas operárias *Macabéas*, organizadas em postos, quase em filas, no chão da fábrica, a divisão social e sexual do trabalho, confirmada pelo que Hirata afirma em *Nova divisão sexual do trabalho*, quando fala que “*A exploração por meio do trabalho assalariado e a opressão do masculino sobre o feminino são indissociáveis, sendo a esfera da exploração econômica – ou das relações de classe – aquela em que, simultaneamente, é exercido o poder dos homens sobre as mulheres.*” (2002, p. 53)⁶.

A máxima traz à cena as relações sociais, culturais, econômicas entre classe social e gênero no mundo do trabalho, e no meu caso, no mundo do trabalho fabril, em novas zonas industriais que tiveram que se metamorfosear com as vestes da modernidade, tentando viver um modo de vida onde a produção do tempo e do trabalho se dão em outro ritmo. É o que venho chamando, de maneira, ainda muito incipiente, de tensão entre o *ethos-modernidade* e o *ethos-tradição*. Uma tensão que produz ou que tenta produzir “novos” operários-indivíduos e, principalmente, “novas” operárias-indivíduos.

Analisarei, ainda, mulheres que tocam em *Macabéa*, encontrando-se com elas em muitos pontos: por serem nordestinas, pobres, sem muita consciência do que são e do que querem. Mulheres que se aproximam do que *Macabéa* viveu: a solidão, a migração, o amor não correspondido, os afetos encarcerados, o corpo marcado pelo tempo, pelos anos e pelo destino.

Esta personagem individual participa de uma saga que envolve relações de gênero, corpo, capital e trabalho feminino, num conjunto de relações sociais de classe, pautadas por uma estrutura masculinizada, onde o mando é masculino, onde o controle obedece às regras do grande capital em favor dos altos índices de produção.

Macabéa se constitui como uma inspiração tanto literária como metodológica, na medida em que os cruzamentos entre Literatura e Ciências Sociais abre vias de investigação que fazem dessa *Macabéa* uma personagem individual e coletiva que vive os dilemas da relação estabelecida entre

⁶ HIRATA, Helena. *A nova divisão sexual do trabalho – um olhar voltado para o estado e a sociedade*. São Paulo: Jorge Zahar Editor: 2002.



capital e trabalho, mais precisamente, entre corpo, capital e trabalho feminino. Macabéas que vivem no fio da navalha e que, para elas, talvez, o maior perigo não é o de morrer atropelada, mas de perder o emprego “moderno” que pode lhe garantir um futuro promissor e ficar destituída de toda e qualquer forma de subsistência.

Tentarei trazer à tona questões relativas à esfera das sensibilidades e da pertença identitária, da memória coletiva e do imaginário social. As mulheres operárias parecem delinear essa memória, fazendo com que se torne configuradora de identidades, criadora de sentidos de pertença grupos específicos, inscritos no cenário industrial cearense.

Procurarei tomar muitos cuidados ao inquirir a memória das entrevistadas. Além dos riscos do esquecimento, o passado nunca é plenamente recuperado. O que se pode obter são interpretações desse passado, permeadas por vivências do presente e, muitas vezes, influenciadas pelas questões suscitadas pela pesquisadora. Entendo, ainda, que aquilo que essas mulheres individualmente me narrarão fez parte da vida de inúmeras mulheres que passaram as últimas décadas atravessando os largos portões das fábricas.

Tomo inspiração em Geertz⁷, tecendo uma semiótica das culturas, na medida em que acredito que os objetos de pesquisa não são estranhos a nós, muito pelo contrário, se constituem como fruto de nossas experiências e de interesses. Destaco, também como estratégia metodológica, o fato de explorar a existência de toda uma rede de poder fiada para prender a mulher-operária. *Macabéa* e as mulher-operária guardam aproximações e distanciamentos que contribuem para que eu venha a desvendar aspectos fundantes da subjetividade destas mulheres que denominei de personagem individual e coletiva, ancorada no debate que Elias (1996)⁸ propõe nas relações entre sociedade e indivíduo.

Entendendo que esta mulher é capturada por uma teia de relações, num movimento intenso de *aceitação* e de *resistência*. De aceitação na medida em que querem preservar o emprego ao mesmo tempo em que acontece uma certa relação de afeto com a fábrica e com as companheiras de trabalho; e de resistência, na medida em que tentam burlar as metas de produção e que estabelecem relações afetivas e afetuosas entre si e que estão lá, no chão da fábrica, quase sem consciência de onde estão e por que estão; mas, talvez, acreditando que estão fazendo o melhor para si e para suas famílias.

⁷ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989

⁸ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor: 1994.



4 BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, P.G.B. *Mulheres Claricianas – Imagens Amorasas*. São Paulo. Relume Dumará. 2002.
- ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Bomtempo, 2000.
- CASTRO, Mary G.& LAVINAS, Lena. Do Feminismo ao gênero: a construção de um objeto. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (Orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992: 216/251.
- CODO, Wanderley et alii. *Indivíduo, Trabalho e Sofrimento: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- COSTA, Cláudia de Lima. O Leito de Procusto: Gênero, Linguagem e Teorias Feministas. IN: *Cadernos Pagu 2*. Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP, Campinas, São Paulo. 1994: 141/174.
- DEJOURS, Christophe. *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. 5 ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- _____. *Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho*. São Paulo: Editora Atlas, 1994.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Tereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. *Microfísica do Poder*. 11ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- _____. *Ordem do Discurso*. 10 ed. Col. Leituras Filosóficas. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. *Vigiar e Punir – História da Violência das Prisões*. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2004: 121/132.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4ª edição. Rio de Janeiro:LTC, 2005.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- GREINER, Christine. *O Corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo. Annablume, 2005.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 16 edição. São Paulo: Loyola, 2007.
- HEILBORN, Maria Luisa. *Usos e abusos da categoria de gênero*. Rio de Janeiro:s.n, 1990. In: Simpósio Gênero e Classes Sociais na América Latina, 1990, São Paulo.
- HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual do trabalho? – Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Bomtempo, 2002.
- _____. *As novas fronteiras da desigualdade – Homens e Mulheres no Mercado de Trabalho*. São Paulo: Bomtempo, 2003.
- HOBBSBORN, Eric J. *Os trabalhadores: estudo sobre a história do proletariado*. Trad. De Marina Leão T.V. Medeiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- KOFES, Suely. Categorias Analítica e empírica: Gênero e Mulher: Disjunções, conjunções e mediações. IN: *Cadernos Pagu 2 – De trajetórias e sentimentos*. Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP, Campinas, São Paulo. 1994: 19/30.
- LAFARGUE, Paul. *Direto à Preguiça*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Trad. Maria Helena de Costa Dias. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- _____. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1992.
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro. Editora Rocco: 1997.



- LOBO, Elizabeth Sousa. O trabalho como linguagem: o gênero como trabalho. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (Orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992: 252/ 265.
- MARX, K. & ENGELS, F. *O Manifesto do Partido Comunista*. 4 ed. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 1993.
- _____. *A Ideologia Alemã*. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Vol.1. Livro Primeiro: O processo de produção do capital. Tombo I. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MATOS, Maria Izilda S. & SOIHET, R (org). *O corpo feminino em debate*. São Paulo, UNESP, 2003.
- MURARO, Rose Marie et alii. *Sexualidade da Mulher Brasileira – Corpo e Classe Social no Brasil*. 5 ed. São Paulo, Editora Rosa dos Tempos, 1996.
- PERROT. M. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo. Paz e Terra. 1988.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: (a utopia da cidade disciplinar Brasil 1890 – 1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- ROCHA, Maria Isabel Baltar (Org). *Trabalho e Gênero: Mudanças, Permanências e Desafios*. São Paulo. Ed. 34, 2000.
- RODRIGUES, Arakcy Martins. Lugar e Imagem da Mulher na indústria. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (Orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992: 266/ 288.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do Corpo*. 2 ed, Rio de Janeiro. Achiamé. 1980: 43/169.
- SAFFIOTI, Heleith. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A e BRUSCHINI, C (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos e São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992.
- SILVEIRA, Maria Lúcia. Contribuições da Perspectiva de Gênero para o esboço de alternativas emancipatórias da sociedade. In: BAPTISTA, Dulce et alii (Org.). *Cidadania e Subjetividade*. São Paulo: Imaginário, 1997.
- TOMPSON, E.P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, T.T. da. (org) *Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação humana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.